1
O negro e a linguagem

Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão *para-o-outro* do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro.

O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma conseqüência direta da aventura colonial... E ninguém pensa em contestar que ela alimenta sua veia principal no coração das diversas teorias que fizeram do negro o meio do caminho no desenvolvimento do macaco até o homem. São evidências objetivas que dão conta da realidade.

Mas no momento em que esta situação ficou esclarecida, quando foi compreendida, pretende-se que o caso está encerrado... Como então deixar de ouvir novamente, desorganizando o andamento da História, esta voz: "O problema não é mais conhecer o mundo, mas transformá-lo".*

Este é um problema terrível em nossa vida.

Falar é estar em condições de empregar um certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.

* Fanon cita Karl Marx, especificamente sua XI tese sobre Feuerbach.

Projeto Pele negra [2].pmd 33 25/4/2008, 15:29

A situação, não se movimentando em sentido único, deve influenciar a expressão. Reivindicamos a possibilidade de apresentar certos aspectos da questão, de início aparentemente inaceitáveis, mas que saberão encontrar nos fatos seu critério de exatidão.

O problema que abordaremos neste capítulo é o seguinte: o negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa. Não ignoramos que esta é uma das atitudes do homem diante do Ser.* Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito. Já se vê aonde queremos chegar: existe na posse da linguagem uma extraordinária potência, Valéry estava consciente disso, fazendo da linguagem

> o deus na carne desorientado.[1]

Em uma outra obra em preparação, nos propomos a estudar este fenômeno.[2]

No momento queremos mostrar porque o negro antilhano, qualquer que seja ele, deve sempre tomar posição diante da linguagem. Mais ainda, ampliaremos o âmbito da nossa descrição e, para além do antilhano, levaremos em consideração qualquer homem colonizado.

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.

Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. No Exército colonial, e especialmente nos regimentos senegaleses de infantaria, os oficiais nativos são, antes de mais nada, intérpretes. Servem para transmitir as ordens do senhor aos seus congêneres, desfrutando por isso de uma certa honorabilidade.

Temos a cidade, temos o campo. Temos a capital e a província. Aparentemente o problema dessa relação é o mesmo em toda parte.

---

* Fanon usa uma linguagem filosófica para lembrar que todo indivíduo, como ser social, é integrado, enquadrado, aculturado. Porém, por outro lado, os recursos que o indivíduo adquire aumentam o seu poder de intervenção.

[1] Paul Valéry, *Charmes*, "La pythie".

[2] *Le langage et l'agressivité*.

Projeto Pele negra [2].pmd 34 25/4/2008, 15:29

Tomemos o exemplo de um natural de Lyon vivendo em Paris. Ele exaltará a calma de sua cidade, a beleza embriagante dos cais do Rio Ródano, o esplendor dos plátanos e muitas outras coisas que as pessoas ociosas cantam. Entretanto, de volta à sua cidade, sobretudo diante aqueles que não conhecem a capital, ele não lhe poupará elogios: Paris-cidade-luz, o Sena, os barzinhos, conhecer Paris e depois morrer...

O processo se repete no caso do martinicano. Primeiro o elogio de sua ilha: Basse-Pointe, Marigot, Gros-Morne e, defronte, a imponente Fort-de-France. Em seguida, e este é o ponto essencial, fora de sua ilha, o mundo metropolitano. O negro que conhece a metrópole é um semi-deus. A respeito disso, lembro de um fato que deve ter impressionado gerações de meus compatriotas. Muitos antilhanos, após uma estadia mais ou menos longa na metrópole, voltam para ser consagrados. Entre eles o caipira, o nativo-que-nunca-saiu-de-sua-toca, representa a forma mais eloqüente dessa ambivalência. O negro que viveu na França durante algum tempo volta radicalmente transformado. Geneticamente falando, diríamos que seu fenótipo sofreu uma mutação definitiva, absoluta.[3]

Sente-se, mesmo antes de sua partida, pelo seu jeito quase alado, que novas forças foram conquistadas. Quando ele encontra um amigo ou um camarada, não é mais a ampla gesticulação que o anuncia: muito mais discreto, nosso "futuro" faz uma reverência. A voz, habitualmente rouca, revela um movimento interno feito de frêmitos, para imitar o sotaque metropolitano. Pois o negro sabe que, lá na França, a idéia que fazem dele o agarrará no Havre ou em Marselha: "Sou martinicano, é a pimera vez que venho na Fança";[*] ele sabe que o que os poetas chamam de "arrulho divino" (leia-se o crioulo) é um meio-termo entre o *petit-nègre* e o francês.[**] A burguesia das Antilhas não fala o crioulo, salvo nas suas relações com os domésticos. Na escola, o jovem martinicano aprende

---

[3] Queremos com isto dizer que os negros que voltam para casa dão a impressão de ter completado um ciclo, de ter adquirido algo que lhes faltava. Eles voltam literalmente cheios de si.

[*] No original: *"Je suis Martiniquais, c'est la pemiè fois que je viens en Fance"*. *Pemiè* em vez de *première*, *Fance* em vez de *France*; Fanon transcreve o sotaque do crioulo, o modo nativo de falar o francês, que habitualmente engole os RR.

[**] *Petit-nègre*, literalmente preto-pequeno ou pretinho, é a expressão utilizada para designar uma língua híbrida, um patoá sumário criado no mundo colonial francês, mistura da língua francesa com várias línguas africanas. O termo patoá (*patois*) designa os diversos dialetos regionais da França metropolitana. O crioulo (*créole*) é o francês, bem mais elaborado, dos territórios do Além-mar.

Projeto Pele negra [2].pmd 35 25/4/2008, 15:29

a desprezar o patoá. Fala-se do *crioulismo* com desdém. Certas famílias proíbem o uso do crioulo e as mamães tratam seus filhos de pivetes quando eles desobedecem:

> Minha mãe querendo um filho memorandum
> se sua lição de história não está bem sabida
> você não irá à missa de domingo
> com sua domingueira
> esse menino será a vergonha do nosso nome
> esse menino será nosso Deus-nos-acuda
> cale a boca, já lhe disse que você tem de falar francês
> o francês da França
> o francês do francês
> o francês francês.[4]

Sim, é preciso que eu vigie minha alocução, pois também é através dela que serei julgado... Dirão de mim com desprezo: ele não sabe sequer falar o francês!...

Em um grupo de jovens antilhanos, aquele que se exprime bem, que possui o domínio da língua, é muito temido; é preciso tomar cuidado com ele, é um quase-branco. Na França se diz: falar como um livro. Na Martinica: falar como um branco.

O negro, chegando na França, vai reagir contra o mito do martinicano que-come-os-RR. Ele vai se reconsiderar e entrar em conflito aberto com tal mito. Ou vai se dedicar, não somente a rolar os RR, mas a urrá-los. Espionando as mínimas reações dos outros, escutando-se falar, desconfiando da língua, órgão infelizmente preguiçoso, vai se enclausurar no seu quarto e ler durante horas — perseverando em fazer-se *dicção*.

Recentemente um amigo nos contou a seguinte história: um martinicano, chegando ao porto metropolitano do Havre, entrou num café. Com absoluta segurança, proclamou: "Garrrçon, uma gaafa de ceveja".[*] Temos neste caso uma verdadeira intoxicação. Preocupado em não corresponder à imagem do preto-comedor-de-RR, tinha feito destes uma boa provisão, mas não soube calcular a dosagem.

Há um fenômeno psicológico que consiste em acreditar em uma abertura do mundo na medida em que as fronteiras, cada vez mais,

---

[4] Léon-G. Damas, *Hoquet*, "Pigments".

[*] No original: *Garrrçon! Un vè de biè* (no francês metropolitano: *Garçon, un verre de bière!*).

Projeto Pele negra [2].pmd 36 25/4/2008, 15:29

perdem importância. O negro, prisioneiro na sua illha, perdido em um ambiente sem saída, sente este apelo da Europa como uma lufada de ar fresco. Porque Césaire, é preciso que se diga, no seu *Cahier d'un retour au pays natal*, foi magnânimo, a realidade é bem pior. A cidade de Fort-de-France é verdadeiramente encalhada. Lá, nos flancos do sol, está a

> cidade achatada, espraiada, trôpega pela falta de bom senso, inerte, sufocada sob o fardo geométrico de cruzes eternamente presentes, desassossegada diante do destino, muda, contrariada de todos as maneiras possíveis, incapaz de prosperar com o sumo da terra, perplexa, podada, reduzida, carente de fauna e de flora. [5]

A descrição que Césarie faz não é nada poética. Compreende-se então que o negro, quando do anúncio de sua iniciação à França (como se diz de alguém que se inicia em algum setor da vida social), enche-se de júbilo e decide mudar. Aliás não tenta uma esquematização, muda de estrutura sem qualquer tentativa de reflexão.

Existe nos Estados Unidos um instituto dirigido por Pearce e Williamson, o Centro Peckam. No âmbito das pesquisas ali desenvolvidas, estes autores provaram que existe nas pessoas casadas uma modificação bioquímica, e ao que parece, identificaram a presença de determinados hormônios no marido de uma mulher gestante. Também seria interessante, e certamente aparecerá alguém para fazê-lo, pesquisar as desorganizações humorais bruscas do negro quando da sua chegada na França. Ou simplesmente estudar, através de testes, as modificações do seu psiquismo antes de sua partida e um mês depois do seu estabelecimento na França.

Há um drama no que convencionou-se chamar de ciências humanas. Devemos postular uma realidade humana típica e descrever as suas modalidades psíquicas, levando em consideração apenas a ocorrência de imperfeições; ou, ao contrário, devemos tentar sem descanso uma compreensão concreta e sempre nova do homem?

Quando lemos que, a partir dos vinte e nove anos o homem não pode mais amar, que é preciso esperar os quarenta e nove para que sua afetividade reapareça, sentimos o tapete ser puxado. Só haverá uma saída na condição expressa de que o problema seja bem colocado, pois todas essas descobertas, todas essas pesquisas só contribuem para uma

---

[5] *Cahier d' un retour au pays natal*, p. 30.

Projeto Pele negra [2].pmd 37 25/4/2008, 15:29

coisa: admitir que o homem não é nada, absolutamente nada, e que é preciso acabar com o narcisismo segundo o qual ele se imagina diferente dos outros "animais".

Neste caso o que fica é, nem mais nem menos, a *capitulação do homem*.

No fim das contas assumo plenamente meu narcisismo e rejeito a estupidez daqueles que querem fazer do homem um mero mecanismo. Se o debate não pode ser aberto no plano filosófico, isto é, no da exigência fundamental da realidade humana, consinto conduzi-lo no plano da psicanálise, ou seja, no plano da existência dos "derrotados".*

O negro que entra na França muda porque, para ele, a metrópole representa o Tabernáculo; muda não apenas porque de lá vieram Montesquieu, Rousseau e Voltaire, mas porque é de lá que vêm os médicos, os chefes administrativos, os inúmeros pequenos potentados — desde o sargento-chefe "quinze anos de serviço", até o soldado-raso oriundo da vila de Panissières. Existe uma espécie de enfeitiçamento à distância, e aquele que parte por uma semana com destino à metrópole cria em torno de si um círculo mágico onde as palavras Paris, Marselha, La Sorbonne, Pigalle, são pedras fundamentais. Antes mesmo dele embarcar a amputação de seu ser vai desaparecendo, à medida em que o perfil do navio se torna mais nítido. Ele percebe sua potência, sua mutação, nos olhos daqueles que o acompanham: "Adeus madras, adeus tecidos leves de cores vivas"...**

Agora que o conduzimos ao porto, deixemo-lo navegar, nós o reencontraremos um dia desses. No momento, vamos ao encontro de um outro, que acaba de chegar. O recém-chegado, desde seu primeiro contato, se impõe. Só responde em francês e freqüentemente não compreende mais o crioulo. Sobre isso, o folclore local nos fornece uma ilustração. Depois de alguns meses na França, um camponês retorna à

---

* Esta passagem foi simplificada pela presente tradução, devido a um jogo de palavras intraduzível, utilizado pelo autor. No original, Fanon, refere-se aos *ratés*, no sentido de pessoas derrotadas. No entanto, em francês, esta expressão é uma metáfora mecânica: originalmente, *raté* é a falha em um sistema mecânico, arma de fogo ou motor de explosão; por extensão, o termo é usado para pessoas mal-sucedidas na vida. Literalmente a frase de Fanon deveria ser traduzida assim: ... "no plano da psicanálise, ou seja, no dos 'falhados', no sentido usado quando um motor tem falhas".

** No original: *"Adieu madras, adieu foulard"*. *Madras* é uma musselina de cores vivas e axadrezado miúdo proveniente da cidade homônima no Golfo de Bengala, muito apreciada nas Antilhas para xales e torços. Na capa, abaixo à esquerda, há uma ilustração mostrando duas mulheres usando *madras*. Foulard também é um tecido leve axadrezado, importado da Índia e da China, usado para lenços e vestidos, igualmente muito usado nas Antilhas.

Projeto Pele negra [2].pmd 38 25/4/2008, 15:29

casa paterna. Percebendo um arado, pergunta ao pai, velho campônio esperto: "Como se chama este engenho"? Como única resposta, seu pai atira-o sobre ele, e a amnésia desaparece. Curiosa terapêutica...

Eis aqui portanto o recém-chegado. Não conhecendo mais o patoá, fala com entusiasmo da Ópera de Paris, que talvez tenha percebido de longe, porém adota uma atitude crítica em relação a seus compatriotas. Diante do mais insignificante acontecimento, quer passar por um tipo especial. Ele é aquele que sabe. Ele se identifica através da linguagem. Na Savane, onde se reúnem os jovens de Fort-de-France, o espetáculo é significativo: a palavra é imediatamente dada ao recém-chegado. Após a saída do ginásio e das escolas, os jovens se reúnem na Savane. Parece que há uma certa poesia nessa praça. Imaginem um espaço de duzentos metros de comprimento por quarenta de largura, limitado lateralmente por tamarindeiros carcomidos, acima por um imenso monumento aos mortos, reconhecimento da pátria aos filhos diletos, abaixo pelo Hotel Central; um espaço torturado, de paralelepípedos disformes, de pedregulhos rolando sob os pés; encerrados neste espaço, andando pra cima e pra baixo, trezentos ou quatrocentos jovens que se reúnem, se interessam uns pelos outros, não, não se interessam nunca, e vão embora.

— Tudo bem?

— Tudo bem. E você?

— Tudo bem.

E assim prosseguem durante cinqüenta anos. Sim, esta cidade está lamentavelmente naufragada. Esta vida também.

Eles se encontram para conversar, e se o recém-chegado tem rapidamente a palavra, é que sua palavra era *esperada*. Em primeiro lugar na forma: o menor erro é percebido, decantado e em menos de quarenta e oito horas toda a cidade de Fort-de-France fica sabendo. Àquele que assume um ar de superioridade, ninguém perdoa uma falta ao dever. Por outro lado, se ele disser, por exemplo, em um francês escorreito: "Não me foi dada a oportunidade de ver na França policiais à cavalo", está perdido. Só lhe resta uma alternativa: desvencilhar-se de seu parisianismo ou morrer no pelourinho. Pois ninguém se esquecerá; casando-se, sua mulher sabe que se casa com uma historieta, e seus filhos terão, por toda a vida, uma piada para enfrentar e superar.

De onde provém esta alteração da personalidade? De onde provém este novo modo de ser? Todo idioma é um modo de pensar, dizem Damourette e Pichon. E o fato de o negro recém-chegado adotar uma

Projeto Pele negra [2].pmd 39 25/4/2008, 15:29

linguagem diferente daquela da coletividade em que nasceu, representa um deslocamento, uma clivagem. O professor Westermannn, em *The African Today*, escreveu que existe um sentimento de inferioridade entre os negros, principalmente entre os "evoluídos", que eles tentam permanentemente eliminar. A maneira empregada para fazê-lo — acrescenta — é freqüentemente ingênua:

> Usar roupas européias ou trapos da última moda, adotar coisas usadas pelos europeus, suas formas exteriores de civilidade, florear a linguagem nativa com expressões européias, usar frases pomposas falando ou escrevendo em uma língua européia, tudo calculado para obter um sentimento de igualdade com o europeu e seu modo de existência.

Fazendo referência a outros trabalhos e às nossas próprias observações pessoais, gostaríamos de tentar demonstrar porque o negro se situa de modo tão característico diante da linguagem européia. Lembremos ainda uma vez que as conclusões às quais chegaremos só são rigorosamente válidas para as Antilhas francesas; não ignoramos entretanto que os mesmos comportamentos podem ser encontrados em meio a toda raça que foi colonizada.

Conhecemos no passado, e, infelizmente, conhecemos ainda hoje, amigos originários do Daomé ou do Congo que declaram ser antilhanos. Conhecemos no passado e ainda hoje antilhanos que se envergonham quando são confundidos com senegaleses. É que o antilhano é mais "evoluído" do que o negro da África: entenda-se que ele está mais próximo do branco; e esta diferença existe não apenas nas ruas e nas avenidas, mas também na administração e no Exército. Qualquer antilhano que tenha feito o serviço militar em um regimento de infantaria colonial conhece essa atormentante situação: de um lado, os europeus, os velhos colonos brancos e os nativos; do outro, os infantes africanos. Lembro-me de certo dia, quando, em plena ação, o problema era destruir um ninho de metralhadoras inimigo. Por três vezes os senegaleses foram enviados, e três vezes rechaçados. Então um deles perguntou porque os *toubabs*[*] não iam. É nesses momentos que o antilhano não sabe ao certo se é *toubab* ou indígena, mas não considera a situação preocupante, pelo contrário, a considera normal. Só faltava essa, sermos confundidos

[*] *Toubab*, termo do patoá senegalês, significando europeu ou branco.

Projeto Pele negra [2].pmd 40 25/4/2008, 15:29

com os pretos! Os antilhanos desprezam a infantaria senegalesa e reinam sobre a negrada como senhores incontestáveis.

Aliás, há um fato extremo que é, no mínimo, cômico: recentemente um martinicano me contou, enfurecido, que certos guadalupenses faziam-se passar por martinicanos. Mas, acrescentou, percebe-se logo o erro, eles são mais selvagens do que nós. Entenda-se: são mais distantes ainda do branco.

Dizem que o negro gosta da *palabre*, ou seja, de parlamentar; contudo, quando pronuncio *palabre*, o termo faz pensar em um grupo de crianças divertindo-se, lançando para o mundo apelos irresponsáveis, quase rugidos; crianças em pleno jogo, na medida em que o jogo pode ser concebido como uma iniciação à vida. Assim, a idéia de que o negro gosta de resolver seus problemas pela *palabre* é rapidamente associada a esta outra proposição: o negro não passa de uma criança. Aqui os psicanalistas estão em seu ambiente e o termo *oralidade* é logo convocado.*

Mas precisamos ir mais longe. O problema da linguagem é importante demais para ser integralmente abordado nesta obra. Os significativos estudos de Piaget nos ensinaram a distinguir as etapas iniciais da aparição da linguagem, e os de Gelb e Goldstein nos mostraram que as funções da linguagem se distribuem em patamares, em graus. O que nos interessa aqui é o homem negro diante da língua francesa. Queremos compreender porque o antilhano gosta de falar o francês.

Jean-Paul Sartre, na sua Introdução à *Anthologie de la poésie nègre et malgache*, nos diz que o poeta negro se voltará contra a língua francesa, o que não é válido para os poetas antilhanos. Somos da opinião de Michel Leiris, que, há pouco tempo, escreveu a propósito do crioulo:

> Ainda hoje língua popular que todos conhecem mais ou menos, mas que só os analfabetos, com exceção do francês, falam, a língua crioula parece ser destinada a tornar-se, mais cedo ou mais tarde, uma sobrevivência, quando a instrução (embora seu progresso seja lento, entravado pelo número excessivamente restrito de estabelecimentos escolares, a penúria em matéria de leitura pública e o nível freqüentemente baixo demais da vida material) for amplamente difundida nas classes deserdadas da população.

---

* O termo *palabre*, de origem portuguesa, é utilizado por vários grupos culturais da África Ocidental para se referir ao costume de reunir para parlamentar, toda vez que surge um problema de convivência, qualquer que seja ele. Ou seja, dissolver, pelo entendimento, as tensões surgidas na vida cotidiana.

Projeto Pele negra [2].pmd 41 25/4/2008, 15:29

E acrescenta:

> Para os poetas a quem me refiro, o importante não é se tornar "antilhano" — por um artifício pitoresco* — Ao usar uma linguagem emprestada que é, além do mais, destituída de brilho exterior, quaisquer que possam ser suas qualidades intrínsecas, o importante é afirmar a integridade de sua pessoa diante de brancos imbuídos dos piores preconceitos raciais, cuja arrogância torna-se cada vez mais injustificada.[6]

Mesmo que exista um Gilbert Gratiant escrevendo em patoá, a coisa é rara. Acrescentemos, além do mais, que o valor poético dessas criações é bem duvidoso. Por outro lado, há obras verdadeiras traduzidas do uolof ou do fulani e acompanhamos com muito interesse os estudos em lingüística do Xeque Anta Diop.

Nas Antilhas não há nada igual. A língua oficialmente falada é o francês. Os professores vigiam de perto as crianças para que a língua crioula não seja utilizada. Deixemos de lado as razões evocadas. Aparentemente o problema poderia ser o seguinte: nas Antilhas como na Bretanha há um dialeto e há a língua francesa. Mas a situação não é a mesma pois os bretões não se consideram inferiores aos franceses. Os bretões não foram civilizados pelo branco.**

Recusando multiplicar os elementos, arriscamos não conseguir delimitar o núcleo da questão. Ora, é importante dizer ao negro que a atitude de ruptura nunca salvou ninguém; e se é verdade que devo me libertar daquele que me sufoca, porque realmente não posso respirar, fica entendido que, na base fisiológica (dificuldade mecânica de respiração), torna-se pouco saudável transplantar um elemento psicológico (impossibilidade de expansão).

O que é que isso quer dizer? Simplesmente isto aqui: quando um antilhano diplomado em filosofia decide não concorrer para ser admitido como professor por causa de sua cor, dou como desculpa que a filosofia

---

* No original: *...sur le plan du pittoresque de félibrige*. *Félibrige* é o nome de uma escola literária fundada na Provença, sul da França, em 1854, com o objetivo de preservar, um tanto quanto artificialmente, a língua provençal.

[6] "Martinique, Guadaloupe, Haiti", *Les temps modernes*, fev. de 1950, p. 1347.

** Fanon não tinha conhecimento de que os bretões são uma minoria étnica oprimida dentro do território da França metropolitana, com sua língua proibida de ser ensinada nas escolas públicas durante décadas, e portanto condenada ao desaparecimento. A resistência cultural dos bretões só começou na década de 1970.

Projeto Pele negra [2].pmd 42 25/4/2008, 15:29

nunca salvou ninguém. Quando um outro tenta obstinadamente me provar que os negros são tão inteligentes quanto os brancos, digo: a inteligência também nunca salvou ninguém, pois se é em nome da inteligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, também é em seu nome que muitas vezes se decide seu extermínio.

Antes de continuar, parece-me necessário acrescentar certas coisas. Falo, aqui, por um lado de negros alienados (mistificados) e por outro de brancos não menos alienados (mistificadores e mistificados). Se Sartre ou o Cardeal Verdier afirmam que o problema negro já durou demais, só se pode concluir que a atitude deles é normal. Nós também poderíamos multiplicar referências e citações e demonstrar que, efetivamente, o "preconceito de cor" é uma idiotice, uma estupidez que deve ser banida.

Sartre assim inicia o seu *Orphée noir*:

> O que é que vocês esperavam quando tiraram a mordaça que fechava essas bocas negras? Que elas entoassem hinos de louvação? Que as cabeças que nossos pais curvaram até o chão pela força, quando se erguessem, revelassem adoração nos olhos? [7]

Não sei, mas afirmo que aquele que procurar nos meus olhos algo que não seja uma interrogação permanente, deverá perder a visão: nem reconhecimento nem ódio. E se dou um grande grito, ele não será nada negro. Não, na perspectiva adotada aqui, não existe problema negro. Ou pelo menos, se existe, os brancos não se interessam por ele senão por acaso. É uma história que se passa na penumbra, e é preciso que o sol transumante que trago comigo clareie os mínimos recantos.

O Dr. H. L. Gordon, médico do Hospital de Psicopatologia Mathari de Nairobi, no Quênia, escreveu num artigo da *Presse Médicale* do Leste Africano: "A observação minuciosa de uma série de cem cérebros de nativos normais, estabeleceu, a olho nu, uma ausência de cérebros novos, caracterizados, como se sabe, por células no último estágio de desenvolvimento". E, acrescenta ele, "essa inferioridade representa quantitativamente 14,8%" (citado por Sir Alan Burns).[8]

Já foi dito que o preto é o elo entre o macaco e o homem; o homem branco, é claro; e é somente na página 120 que Sir Alan Burns conclui: "Não podemos portanto considerar como cientificamente estabelecida

---

[7] Sartre, prefácio à *Anthologie de la poésie nègre et malgache*.

[8] Burns, *Le préjugé de race et de couleur*, p. 112.

Projeto Pele negra [2].pmd 43 25/4/2008, 15:29

a teoria segundo a qual o homem negro seria inferior ao homem branco, ou proveniente de um tronco diferente". Acrescentemos que seria fácil demonstrar o absurdo de proposições tais como: "De acordo com as Sagradas Escrituras, a separação das raças brancas e negras se prolongará no céu como na terra, e os nativos acolhidos no Reino dos Céus serão encaminhados separadamente para certas casas do Pai, mencionadas no Novo Testamento". Ou ainda: "Somos o povo eleito, observe a tonalidade das nossas peles, outros são negros ou amarelos por causa dos seus pecados".

Sim, como se vê, fazendo-se apelo à humanidade, ao sentimento de dignidade, ao amor, à caridade, seria fácil provar ou forçar a admissão de que o negro é igual ao branco. Mas nosso objetivo é outro. O que nós queremos é ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial. M. Achille, professor negro do ginásio do Parc, em Lyon, em uma conferência, citou uma aventura pessoal, universalmente conhecida. Raros são os negros residentes na França que não a viveram. Sendo católico, ele participou de uma peregrinação de estudantes. Um padre, percebendo este bronzeado no seu grupo, disse-lhe: "Você porque deixar grande savana e vir com gente?". O interpelado respondeu muito corretamente e, nessa história, quem ficou constrangido não foi o jovem desertor das savanas. Riu-se muito desse quiproquó e a peregrinação continuou. Mas se parássemos pra pensar, veríamos que o fato do padre falar em *petit-nègre* exige diversas observações.

1. "Os negros, eu os conheço; é preciso dirigir-se a eles gentilmente, lhes falar de seu país; saber lhes falar com jeito, é assim que se deve fazer"... Não estamos exagerando: um branco, dirigindo-se a um negro, comporta-se exatamente como um adulto com um menino, usa a mímica, fala sussurrando, cheio de gentilezas e amabilidades artificiosas. Não observamos este comportamento em apenas um branco, mas em centenas; nossas observações não se concentraram em apenas uma categoria mas, valendo-nos de uma atitude essencialmente objetiva, quizemos estudar este fato junto a médicos, agentes de polícia, empreiteiros nos canteiros de obras. Alguns poderão pretender, esquecendo assim nosso objetivo, que poderíamos prestar atenção em outra parte, porque existem brancos que não entram na nossa descrição.

Respondemos a tais objeções afirmando que fazemos aqui o processo dos mistificados e dos mistificadores, dos alienados, e que, se há brancos

Projeto Pele negra [2].pmd 44 25/4/2008, 15:29

que se comportam de modo saudável diante do negro, não é o caso que queremos observar. Não é porque o fígado de meu doente funciona bem que direi: seus rins são saudáveis. Sendo constatado que o fígado é normal, abandono-o à sua normalidade, e dirijo minha atenção aos rins; no momento os rins estão doentes. O que quer dizer que, ao lado de pessoas normais que se comportam sadiamente, segundo uma psicologia humana, existem outros que se comportam patologicamente, segundo uma psicologia inumana. E acontece que a existência desse tipo de homens determinou um certo número de realidades, para a liquidação das quais queremos aqui contribuir.

Falar aos negros dessa maneira é ir até eles, tentar deixá-los à vontade, querer ser compreendido por eles, dar-lhes segurança... Nos consultórios os médicos sabem disso. Vinte doentes europeus se sucedem: "Sente-se senhor, o que o traz até aqui? O que o senhor está sentindo?... Chega um negro ou um árabe: "Sente, meu velho. Que é que você tem? Onde tá doendo?" — Quando não: "Você doente, né?"...

2. Falar *petit-nègre* a um preto é afligi-lo, pois ele fica estigmatizado como "aquele-que-fala-*petit-nègre*". Entretanto, pode-se argumentar que não há intenção nem desejo de afligi-lo. Concordamos, mas é justamente esta ausência de intenção, esta desenvoltura, esta descontração, esta facilidade em enquadrá-lo, em aprisioná-lo, em primitivizá-lo, que é humilhante.

Se aquele que se dirige em *petit-nègre* a um homem de cor ou a um árabe não reconhece no próprio comportamento uma tara, um vício, é que nunca parou pra pensar. Eventualmente, quando conversamos com certos doentes, percebermos o exato momento em que derrapamos...

Diante de uma velha camponesa de setenta e três anos, doente mental, em franco processo demencial, sinto, de repente, desmoronarem as antenas com as quais toco e pelas quais sou tocado. O fato de adotar uma linguagem apropriada à demência, à debilidade mental, o fato de me dedicar a essa pobre velha de setenta e três anos, o fato de ir ao seu encontro à procura de um diagnóstico, é o estigma de um afrouxamento da minha conduta nas relações humanas.

Outros poderão considerar que sou um idealista. Creio que os outros é que são uns canalhas. Quanto a mim, dirijo-me sempre aos *bicots*[*] em francês correto, e sempre fui compreendido. Eles me respondem como podem mas me recuso a adotar qualquer postura paternalista.

[*] *Bicot*, termo do *argot*, a gíria francesa, referindo o nativo da África do Norte.

Projeto Pele negra [2].pmd 45 25/4/2008, 15:29

— Bom dia, meu querido! Dói aqui? Hem? Deixe ver um pouco? A barriguinha? O coração... Com aquele sotaque que os espertinhos dos consultórios conhecem bem. Fica-se de consciência tranqüila quando a resposta vem no mesmo tom. "Está vendo, não é pilhéria. Eles são assim mesmo". No caso contrário, é necessário lembrar dos próprios pseudópodos e se comportar como homem. Aí toda a construção desaba. Um negro que diz: "Senhor, não sou de modo algum seu querido" — é incomum.*

Mas é preciso ir mais abaixo. Você está num café em Rouen ou em Strasbourg, e por azar é abordado por um velho bêbado. Logo ele está sentado à sua mesa: "Você africano? Dakar, Rufisque, bordéis, mulheres, café, mangas, bananas...". Você se levanta e vai embora e é saudado por uma chuva de injúrias: "Preto sujo, você não bancava o importante lá no seu mato!"

O. Mannoni descreveu o que ele chama de complexo de Próspero. Voltaremos a esta descoberta, que nos permitirá compreender a psicologia do colonialismo. Mas podemos dizer desde já: o branco, ao falar *petit-nègre*, exprime esta idéia: "Você aí, fique no seu lugar!"

Encontro um alemão ou um russo falando mal o francês. Tento, através de gestos, dar-lhe as informações que ele pede, mas não esqueço que ele possui uma língua própria, um país, e que talvez seja advogado ou engenheiro na sua cultura. Em todo caso, ele é estranho a meu grupo, e suas normas devem ser diferentes.

No caso do negro, nada é parecido. Ele não tem cultura, não tem civilização, nem "um longo passado histórico".

Provavelmente aqui está a origem dos esforços dos negros contemporâneos em provar ao mundo branco, custe o que custar, a existência de uma civilização negra.**

---

* A compreensão deste trecho sobre o modo de tratamento do negro na França daquela época não é evidente para nós brasileiros. Fanon denuncia que os médicos tratavam os europeus convenientemente, usando o *vous*, que é a forma respeitosa de tratamento e a forma profissional da distância; já com os oriundos do mundo colonial, os médicos usavam o *tu*, que é a forma íntima de tratamento, inconveniente profissionalmente, bem como para pessoas adultas desconhecidas, porém usada habitualmente no caso das crianças; ou pior, os médicos usavam o *petit-nègre*, mais desrespeitoso ainda. A dificuldade está no fato de que, para nós, o tom de simplicidade descontraída nada tem a ver com depreciação e discriminação, muito pelo contrário. Cada cultura tem seus critérios de tratamento e valoração. Fanon reconhece que, no caso de pacientes muito carentes, que necessitam de calor humano, o coração fala mais alto, e ele se permite um "afrouxamento" do código de conduta profissional

** Referência ao movimento da negritude, iniciado em 1930 pelo poeta Aimé Césaire, mas que teve sua liderança máxima em outro poeta Léopold Sedar Senghor, que chegou a ser presidente do Senegal.

Projeto Pele negra [2].pmd 46 25/4/2008, 15:29

Queira ou não queira, o negro deve vestir a libré que lhe o branco lhe impôs. Observem que, nos periódicos ilustrados para crianças, todos os negros têm na boca o "sim sinhô" ritual. No cinema, a história é mais extraordinária ainda. A maior parte dos filmes americanos dublados na França reproduzem negros do tipo: *y'a bon banania*[*]. Em um desses filmes recentes, *Requins d'acier*, via-se um preto embarcado em um submarino, falando o jargão mais clássico possível. Além do mais, ele era bem preto, andava sempre atrás dos demais, tremendo ao menor movimento de cólera do contra-mestre e sendo, enfim, morto na aventura. Estou convencido de que a versão original não comportava esta modalidade de expressão. E se fosse o caso, não compreendo porque na França democrática, onde sessenta milhões de cidadãos são de cor, seriam dubladas até mesmo as imbecilidades do Além-Atlântico. É que o preto deve sempre ser apresentado de certa maneira, e, desde o negro do filme *Sans pitié* — "eu bom operário, nunca mentir, nunca roubar", até a criada do *Duel au soleil*, encontramos o mesmo estereótipo.

Sim, do negro exige-se que seja um bom preto; isso posto, o resto vem naturalmente. Levá-lo a falar *petit-nègre* é aprisioná-lo a uma imagem, embebê-lo, vítima eterna de uma essência, de um *aparecer* pelo qual ele não é responsável. E naturalmente, do mesmo modo que um judeu que gasta dinheiro sem contá-lo é suspeito, o negro que cita Montesquieu deve ser vigiado. Que nos compreendam: vigiado, na medida em que com ele começa algo. Claro, não penso que o estudante negro seja suspeito diante de seus colegas ou de seus professores. Mas fora do meio universitário, subsiste um exército de imbecis: o importante não é educá-los, mas levar o negro a não ser mais escravo de seus arquétipos.

Estamos convencidos de que estes imbecis são o produto de uma estrutura econômico-psicológica: mas é preciso avançar mais a partir daí.

---

[*] A expressão *y'a bon banania* remete a rótulos e cartazes publicitários criados em 1915 pelo pintor De Andreis, para uma farinha de banana açucarada instantânea a ser usada "por estômagos delicados" no café da manhã. O produto era caracterizado pela figura de um *tirailleur sénégalais* (soldado de infantaria senegalês usando armas de fogo), com seu filá vermelho e seu pompom marrom, característicos daquele batalhão colonial. O "riso banania" foi denunciado pelo senegalês Léopold Sedar Senghor em 1940, no prefácio ao poema "Hóstias negras", por ser um sorriso estereotipado e um tanto quanto abestalhado, reforço ao racismo difuso dominante. Em 1957 o publicitário Hervé Morvan criou uma versão mais gráfica, mais modernizada, do "sorriso banania", permanecendo sua estilização em uso nas caixas do produto até o início da década de 1980. Na capa, no alto à direita, temos uma reprodução da versão original de 1915, e, mais para o centro, a versão de Morvan.

Projeto Pele negra [2].pmd 47 25/4/2008, 15:29

Quando um preto fala de Marx, a primeira reação é a seguinte: "Nós vos educamos e agora vocês se voltam contra seus benfeitores. Ingratos! Decididamente, não se pode esperar nada de vocês". E depois há ainda este argumento-porrete do empresário agrícola europeu na África: "Nosso inimigo é o professor".

O que afirmamos é que o europeu tem uma idéia definida do negro, e não há nada de mais exasperante do que ouvir dizer: "Desde quando você está na França? Você fala bem o francês?".

Poderiam me responder que isto se deve ao fato de que muitos negros se exprimem em *petit-nègre*. Mas seria uma resposta demasiadamente fácil. Você está no trem e pergunta:

— Com licença, o senhor poderia me informar onde fica o vagão restaurante?

— Sim, amigo, você pegá direto corredô, um, dois, três, é lá.

Responder em *petit-nègre* é enclausurar o negro, é perpetuar uma situação de conflito onde o branco infesta o negro com corpos estranhos extremamente tóxicos. Nada de mais sensacional do que um negro que se exprime corretamente, pois, na verdade, ele assume o mundo branco. Às vezes nos acontece conversar com estudantes de origem estrangeira que falam mal o francês: o pequeno Crusoé, aliás, Próspero, fica então à vontade: explica, informa, comenta, dá lições. Com o negro civilizado a estupefação chega ao cúmulo, pois ele está perfeitamente adaptado. Com ele o jogo não é mais possível, é uma perfeita réplica do branco. Diante dele, é preciso tirar o chapéu.[9]

Compreende-se, depois de tudo o que foi dito, que a primeira reação do negro seja a de dizer não àqueles que tentam defini-lo. Compreende-se que a primeira ação do negro seja uma *reação*, e, uma vez que é avaliado segundo seu grau de assimilação, compreende-se também que o recém retornado à Martinica só se exprima em francês. É que ele tende a salientar a ruptura que está se produzindo. Ele concretiza um novo tipo de homem que se impõe diante dos amigos, dos pais. E à sua velha mãe, que não o compreende

[9] "Conheci negros na Faculdade de Medicina... Em uma palavra, eles eram decepcionantes; a cor da pele devia lhes permitir de nos dar a oportunidade de ser caridosos, magnânimos, ou cientificamente amistosos. Eles falharam neste dever, a essa exigência de nossa boa vontade. Toda nossa pieguice, toda nossa solicitude maliciosa foram inúteis. Não tínhamos negros para mimar, nem razão para odiá-los. Eles tinham quase o nosso próprio peso na balança dos pequenos trabalhos e das magras trapaças quotidianas." Michel Salomon, "D'un juif à des nègres", *Présence Africaine* nº 5, p. 776.

Projeto Pele negra [2].pmd 48 25/4/2008, 15:29

mais, ele fala de suas camisas novas, de sua cabana em desordem, de seu barraco... Tudo isso temperado com o sotaque conveniente.*

Em todos os países do mundo existem arrivistas: "aqueles que não se sentem mais", e, diante deles, "aqueles que conservam a noção de sua origem". O antilhano que volta da metrópole exprime-se em patoá se quer mostrar que nada mudou. Sentimo-lo já no porto, onde parentes e amigos o esperam. Esperam-no não apenas porque está chegando, mas como quem diz: só quero ver! Um minuto lhes é necessário para fazer o diagnóstico. Se a seus camaradas o recém-chegado diz: "Estou muito feliz em estar com vocês. Meu Deus, como este país é quente, eu não poderia ficar aqui por muito tempo!" — ficamos sabendo, é um europeu que chegou.

Em uma situação bem específica, quando estudantes antilhanos se encontram em Paris, duas possibilidades se apresentam:

— ou sustentar o mundo branco, isto é o mundo verdadeiro; o francês é então a língua usada, lhes sendo possível enfrentar alguns problemas e adquirir em suas conclusões um certo grau de universalismo;

— ou rejeitar a Europa, "*Yo*",[10] e se reunir através do patoá, instalando-se bem confortavelmente no que chamaremos de *umwelt* martinicano; queremos dizer com isso — e dirigimo-nos principalmente a nossos irmãos antilhanos — que, quando um dos nossos amigos, em Paris ou em qualquer outra cidade universitária, tenta considerar com seriedade um problema, acusam-no de se julgar importante, e o melhor meio de desarmá-lo é fechar-se no mundo antilhano, brandindo o patoá crioulo. Esta é a causa de muitas amizades desfeitas, após algum tempo de vida européia.

Sendo o nosso propósito a desalienação dos negros, gostaríamos que eles sentissem que, toda vez que há incompreensão entre eles diante do branco, há ausência de discernimento.

Um senegalês aprende o crioulo a fim de passar por antilhano: digo que há alienação. Os antilhanos que o percebem multiplicam suas gozações: digo que há ausência de discernimento.

Como se vê, não erramos ao pensar que um estudo da linguagem dos antilhanos poderia nos revelar alguns traços do seu mundo. Dissemos no início, há uma relação de sustentação entre a língua e a coletividade.

---

* Tradução impossível. As palavras usadas são *liquette* (camisa), *bicoque* e *baraque*, termos da gíria metropolitana, o *argot*. A velha mãe não compreende o novo vocabulário alienígena.

[10] Modo de designar genericamente *os outros*, e mais especificamente os europeus.

Projeto Pele negra [2].pmd 49 25/4/2008, 15:29

Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura. O antilhano que quer ser branco o será tanto mais na medida em que tiver assumido o instrumento cultural que é a linguagem. Lembro-me, há pouco mais de um ano, em Lyon, após uma conferência onde eu havia traçado um paralelo entre a poesia negra e a poesia européia, de um amigo francês me dizendo calorosamente: "No fundo você é um branco". O fato de ter estudado um problema tão interessante através da língua do branco me atribuía o direito de cidadania.

Historicamente é preciso compreender que o negro quer falar o francês porque é a chave susceptível de abrir as portas que, há apenas cinqüenta anos, ainda lhes eram interditadas. Encontramos nos antilhanos que se enquadram na nossa descrição uma procura de sutilezas, de raridades de linguagem — outros tantos meios de provar a eles próprios que se ajustam à cultura dominante.[11] Já foi dito que os oradores antilhanos têm um poder de expressão que deixaria os europeus boquiabertos. Vem-me à mente um fato significativo: em 1945, na época das campanhas eleitorais, o poeta Aimé Césaire, candidato a deputado, falava na escola para rapazes de Fort-de-France diante de um auditório numeroso. No meio da conferência, uma mulher desmaiou. No dia seguinte, um amigo, relatando o acontecido, comentava-o da seguinte maneira: "*Français a té tellemente chaud que la femme là tombé malcadi*."[12] Potência da linguagem!

Alguns outros fatos merecem reter nossa atenção; por exemplo, Charles-André Julien, apresentando Aimé Césaire: "Um poeta negro, professor da Universidade"... Ou ainda, simplesmente, a expressão "grande poeta negro".

Há nessas frases feitas e que parecem responder a uma urgência de bom senso — pois, enfim, Aimé Césaire é negro e é poeta — uma sutileza que se esconde, um nódulo que persiste. Ignoro quem seja Jean Paulham, a não ser que escreve obras muito interessantes; ignoro qual possa ser a idade de Caillois, retendo apenas as manifestações de sua existência que de vez em quando fulguram no céu. E que não nos acusem de anafilaxia afetiva; o que queremos dizer é que não há razão para que A. Breton

---

[11] Ver, por exemplo, o número quase inacreditável de anedotas devidas à campanha eleitoral de certo candidato a deputado. Um lixo de jornal chamado *Canard déchainé* só sossegou depois de vestir o Sr. B... com crioulismos destrutivos. Esta é a arma-porrete nas Antilhas: acusar o outro de não saber se exprimir em francês.

[12] O francês (a elegância da forma) era tão quente que a mulher entrou em transe.

Projeto Pele negra [2].pmd 50 25/4/2008, 15:29

diga de Césaire: "É um negro que maneja a língua francesa como nenhum branco a maneja nos dias de hoje".[13]

E mesmo que Breton exprimisse a verdade, não vejo onde residiria o paradoxo, ou algo a salientar, pois, afinal de contas, Aimé Cesaire é martinicano e professor da universidade.

Mais uma vez reencontramos Michel Leiris:

> Se existe nos escritores antilhanos vontade de romper com as formas literárias ligadas ao ensino oficial, esta vontade em busca de um futuro mais arejado não poderia assumir um aspecto folclorizante. Literariamente desejosos, antes de mais nada, de formular sua própria mensagem e, quanto a alguns, a serem pelo menos os porta-vozes de uma verdadeira raça com possibilidades desconhecidas, eles desprezam o artifício que representaria para eles, cuja formação intelectual foi realizada quase que exclusivamente através do francês, o recurso a um falar que eles não poderiam mais usar senão como algo aprendido.[14]

Mas, retrucarão os negros, é uma honra para nós que um branco como Breton escreva coisas como essas.

Continuemos. . .

---

[13] Introdução ao *Cahier d'un retour au pays natal*, p.14.

[14] Michel Leiris, art. cit.

Projeto Pele negra [2].pmd 51 25/4/2008, 15:29